

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

C I C L O D E D E B A T E S

TURISMO como fator de desenvolvimento local



**espaço
democrático**

Fundação para Estudos e Formação Política do PSD



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

Fator de desenvolvimento, turismo deve ser prioridade de governo

O turismo é uma atividade econômica tão importante que deveria ser sempre gerida pela mais alta autoridade de cada instância pública. Essa foi a principal mensagem do ex-ministro de Esportes e Turismo, Caio Carvalho, durante o 13º Encontro Democrático, realizado em setembro de 2015 no auditório do Espaço Democrático, em São Paulo.

O evento fez parte de uma série de debates promovida pela fundação do PSD para estudos e formação política, com o objetivo de analisar experiências e boas práticas de administração pública. O tema foi “Turismo como fator de desenvolvimento local”.

O encontro reuniu alguns dos principais personagens desse segmento econômico, além de prefeitos (como Maria Antonieta de Brito, do Guarujá, um dos principais polos turísticos de São Paulo), vereadores, gestores e lideranças políticas como Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT) e coordenador do PSD Movimentos; Sebastião Misiara, presidente da União dos Vereadores do Estado de São Paulo; e Carlos Karan, vereador de Praia Grande (SP).

Entre os empresários presentes estavam Nelson de Abreu Pinto, presidente da Confederação Nacional do Turismo; Ibrahim Georges, diretor da Academia Brasileiro de Eventos e Turismo; Edson Pinto, vice-presidente da Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de São Paulo; e Bruno Omori, presidente de Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de São Paulo.

A mesa de debatedores foi composta, além de Caio Carvalho, por Marcelo Rehder, ex-secretário de Turismo da cidade de São Paulo; Herculano Passos, deputado federal pelo PSD-SP e presidente da Frente Parlamentar Mista em Defesa do Turismo; e Eduardo Sciarra, chefe da Casa Civil do Governo do Paraná, ex-deputado federal e líder do PSD na Câmara dos Deputados, e também empresário do setor de turismo.

O debate foi conduzido pelo economista Luiz Alberto Machado, especialista em economias criativas e colaborador do Espaço Democrático.

Esta é a transcrição integral do debate.



LUIZ ALBERTO MACHADO: Temos um tema extremamente interessante hoje, na sequência da nossa programação de seminários, os Encontros Democráticos. Não poderíamos estar melhor servidos para tratar do “Turismo como fator de desenvolvimento local”.

Caio Luiz de Carvalho, diretor da Entertainment Experience, foi ministro do Esporte e do Turismo, presidente da Embratur e presidente da São Paulo Turismo. Em 2011 criou também o Instituto Brasileiro de Economias Criativas.

Marcelo Rehder foi secretário de Turismo do município de São Paulo e presidente da São Paulo Turismo, cargo no qual participou da produção de mais de mil eventos, entre eles o aniversário da cidade, Carnaval, Virada Cultural, Virada Esportiva, Fórmula 1, Natal Iluminado, Reveillon etc. Foi também secretário de Comunicação da Prefeitura de São Paulo na gestão do prefeito Gilberto Kassab.

Herculano Passos, deputado federal pelo PSD de São Paulo em primeiro mandato, é presidente da Frente Parlamentar Mista em Defesa do Turismo. Foi prefeito de Itu, no interior paulista, de 2005 a 2012.

E Eduardo Sciarra, chefe da Casa Civil do governo paranaense, que é empresário no setor de turismo.

Não há dúvida de que o turismo é uma atividade fundamental para o desenvolvimento. Muita gente questiona, ainda hoje, se o Brasil não tem, ao longo dos tempos, desperdiçado enormes oportunidades, já que é detentor de belezas naturais impressionantes. E o país detém ainda uma posição intermediária no ranking dos países que mais recebem turistas.

Caio, como especialista no assunto e participante de inúmeros eventos internacionais sobre esse tema, vai fazer a primeira colocação a respeito do tema central, com comentários posteriores do Marcelo, do Herculano e do Sciarra.



CAIO CARVALHO: Estamos aqui para discutir algo que, a meu ver, é estratégico. Turismo é uma indústria que deve processar recursos naturais, culturais e humanos, sem desgastá-los, de forma articulada e planejada. Tem a missão de atender aos sonhos do turista e obviamente gerar lucro para o empresário. Mas em um país com tantas carências como o nosso, com cidades tão carentes de atividades econômicas, é justamente o turismo, ao meu ver, que pode vencer a utopia do desenvolvimento sustentável local.

Indústria de viagens e turismo, na verdade, é cadeia produtiva direta. O que pouca gente sabe é que 52 setores da economia são impactados através do desenvolvimento dessa atividade. E muitas vezes os governantes não entendem bem o papel. Quero abrir aqui um parêntese. Muito se falou nos cadernos econômicos, no ano passado, sobre o déficit da balança comercial. Mas ninguém disse que US\$ 25 bilhões

foram para o exterior e apenas R\$ 6 bilhões entraram. E aí falavam em preço do barril de petróleo e tal, mas ninguém atentou para esse déficit, o impacto que isso teve na nossa balança comercial.

É óbvio que agora, com a questão do câmbio, isso deve mudar. Mas de qualquer forma, durante quatro, cinco anos, esse déficit foi impactado por isso. E aqui, quando se trabalha a ideia de cluster, do Michael Porter (*professor da Harvard Business School nas áreas de Administração e Economia, autor de diversos livros sobre competitividade*), que é a ideia dos arranjos produtivos locais, quantos atores fazem parte, localmente, da atividade do turismo, cultura, lazer, natureza? É difícil colocar na cabeça das pessoas que é necessário ter réguas para medir o tangível e o intangível. Vejam: um estudo feito em 2006 pela EBAPE (*Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas*), do Rio de Janeiro, aponta que naquela época 600 mil aparelhos eletrodomésticos eram consumidos pela indústria hoteleira; 350 mil veículos pelas locadoras; 1,2 milhão de cadeiras; 460 mil frigobares... e o negócio ia embora. Apenas para ter uma ideia do que significa isso.

Eu fui ministro de Esportes e Turismo. E isso me mostrou o quanto esse Ministério de Turismo é desnecessário. Quando o Itamar Franco foi presidente, conseguiu, junto com o (*Henrique*) Hargreaves, inserir a letra “T” no Ministério da Indústria e Comércio. E ao meu ver foi a melhor época do turismo. Todas as políticas e macro-estratégias surgiram no Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, nas câmaras setoriais. E lá tínhamos, todos os dias, a imprensa econômica querendo saber o que estava acontecendo no setor. E começamos a entender que eram necessários indicadores. Isso acabou em 1998, quando foi criado o Ministério de Esportes e Turismo, que não era o modelo ideal.

“ Qual o perfil do turista que queremos? Qual percepção queremos que o público externo tenha da nossa cidade? Como seduzir o imaginário do turista que queremos? ”

A política nacional de turismo foi criada em 1995, justamente porque estava no Ministério da Indústria, Comércio e Turismo. Em 1992, quando o presidente Itamar Franco assumiu, primeiro nós tínhamos que entender qual era a matriz, o subproduto do IBGE em relação ao setor. Depois, entender o turismo como produto exportação. A importação do turista é um grande produto - e com a vantagem de que quem paga o frete é ele.

Um dos pontos importantes que saíram das macro-estratégias da política nacional de turismo, estabelecidas dentro do projeto desenhado nas câmaras setoriais, em 1994, foi a necessidade de infraestrutura básica nas regiões turísticas, para melhorar as condições de vida das pessoas nas cidades e ao mesmo tempo gerar empregos. Isso, conseqüentemente, aumenta o fluxo de turistas.

A qualidade dos serviços é outro item importante. Como se melhora a qualidade? A partir da base, do núcleo, onde as coisas acontecem, que são as cidades, os municípios. E aí, sem falsa modéstia, o Programa Nacional da Municipalização do Turismo, que começou em 1994 e foi até 2002, acabou capacitando milhões de pessoas. Ainda hoje eu recebo monitores que foram capacitados pela GTZ, da Alemanha, e que faziam oficinas de planejamento participativo local para trabalhar conceitualmente a forma como você transforma a matéria-prima em produto e faz daquilo uma riqueza local.

Isso foi um marco e virou bandeira dos municípios brasileiros. E tem uma frase que todo mundo se lembra, de autoria da (senadora) Lídice da Mata: "A cidade boa para o turista é a cidade que é boa para o cidadão que vive nela". Essa frase virou símbolo do Programa Nacional da Municipalização do Turismo.

O turismo precisa de legislação competitiva. A questão dos vistos, por exemplo. Essa é uma longa

história. Todo mundo fala: "Agora o visto para os Estados Unidos vai ser liberado". E é uma questão complexa, envolve legislação, Congresso Nacional e tudo mais. Talvez o deputado Herculano (*Passos*) tenha alguma novidade sobre isso.

Mas em compensação, em 1996, imaginem, era proibido aos navios de bandeira estrangeira fazer cabotagem pela costa brasileira. E aí, graças ao Congresso, nós conseguimos abrir os portos depois de Dom João VI. De 1996 pra cá.

E por último, falando das macro-estratégias, há a necessidade de tematizar, trabalhar nichos de mercado, segmentar ações de marketing. Enfim, essas são as macro-estratégias da Política Nacional do Turismo.

O que eu vejo hoje? A gestão de destinos turísticos do futuro é uma coisa muito interessante. As cidades criativas, que trabalham a economia da experiência, que produzem experiências para as pessoas que visitam, que oferecem experiência memorável para quem visita, são muito importantes.

As cidades são cada vez mais competitivas e por isso buscam se diferenciar. A economia da experiência hoje é uma realidade. Sol e praia são *commodities*. Muito prefeito acha que tem praia maravilhosa. Tem muita praia no mundo. Então, o que você vai agregar a esta praia? Qual é o valor cultural, ou o valor da natureza, que você vai agregar? É a cultura e o talento criativo como valor econômico.

A questão da cultura, da autenticidade, é importante. E vou deixar essas perguntas para quem trabalha com turismo, para quem quer trabalhar com turismo:

Qual o perfil do turista que queremos?

Qual percepção queremos que o público externo tenha da nossa cidade?

Como seduzir o imaginário do turista que queremos?

Quais são as tribos de viajantes do futuro?

Como construir uma marca forte?

Como fortalecer e aproveitar a identidade local?

Eu vou deixar para vocês o exemplo de Barcelona. Eu costumo dizer que os megaeventos devem estar a serviço da cidade e não as cidades a serviço deles. Em Barcelona, lá atrás, de uma maneira muito competente, eles conseguiram abraçar isso. Por isso viraram *benchmarking*, aqueles que realmente fizeram acontecer.

Eu acho que o principal é que o turismo hoje não vai ser resolvido com o Ministério do Turismo. O que o turismo precisa é ser visto pela área econômica como uma atividade estratégica para o país. Não vai ser simplesmente com um ministério, ou até com pessoas influentes ocupando esses cargos, que vai acontecer.

Temos a questão do câmbio. No turismo, a moeda é o dólar, e agora seria um grande momento para fazermos uma campanha para o turismo interno, por conta do dólar. Eu não entrei aqui no histórico de turistas estrangeiros que o Brasil recebeu, mas vejam: no ano 2000 recebemos 5,37 milhões de turistas estrangeiros. Hoje, depois de 15 anos, devemos estar com 6 milhões. E os gastos, nesses 15 anos, foram enormes, principalmente o custo per capita para trazer um turista. Se nós investirmos US\$ 1 milhão na Argentina, provavelmente vamos aumentar esses 6 milhões para 7,5 ou 8 milhões de pessoas.

Agora, US\$ 1 milhão no Japão, serão 5 mil japoneses. É muito difícil. Eu vejo que nesses modelos falta uma estratégia. Há bons profissionais no Ministério, na Embratur, na Frente Parlamentar. Mas não existe aquilo que é o mais importante. O prefeito, o governador, o presidente da República têm que entender que é uma atividade estratégica. Se não for assim, vamos estar brincando, vai ser muito difícil.



MARCELO REHDER: Eu concordo com o Caio: o turismo precisa virar uma prioridade. A gente sabe que não é dando cargo, um nome, tendo um ministro de Turismo, que esses assuntos vão ser resolvidos. O fato de estar dentro de um Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio é uma coisa interessante. O turismo fica mais integrado às outras atividades. Eu gostaria de falar um pouco da parte de local como fator de desenvolvimento. Porque o turismo, como todos sabemos, não só é um grande gerador de renda e de empregos para o município. É também importante para promoção, valorização e preservação cultural, social e ambiental. Como o Caio bem lembrou, movimenta mais de 50 setores da economia. Já li em alguns lugares que é a principal atividade econômica do mundo; em outros, que é a segunda, perdendo só para a indústria do petróleo. Mas a verdade é que ele representa 9,5% do PIB mundial e 10% da mão de obra.

Aqui no Brasil não é muito diferente. Perde para a agropecuária, mas movimentou, em 2013, que é o último número que eu tenho, mais de R\$ 210 bilhões. É 8,4% dos empregos nacionais.

A cidade de São Paulo, onde tenho um pouco mais de experiência, muitos não sabem que é o maior receptor de turistas, maior pólo turístico do Brasil. Muito mais voltado, é claro, para turismo de negócios e de eventos, mas é o maior e teve um recorde, no ano passado, de 15 milhões de turistas, que movimentaram R\$ 11 bilhões. Para dar uma noção do que movimenta, só com o ISS (*imposto sobre serviços*) de atividades ligadas diretamente, no ano passado foram arrecadados R\$ 270 milhões com o turismo.

Uma coisa importante nas cidades que tenham ou não vocação turística, mas que queiram se desenvolver na área: um dos primeiros passos é formar um conselho municipal de turismo. A gente tem aqui vários colegas que participam do Conselho Municipal de Turismo de São Paulo. As cidades que já têm esse organismo devem reforçá-lo. As que não têm, devem montá-lo. Com ele, não só o governo, mas também a sociedade civil discute estratégias e delas sai um plano municipal de turismo, um plano diretor de turismo, que é fundamental para obter recursos do governo federal ou estadual.

Os municípios têm que entender que não basta ter um atrativo turístico. A infraestrutura turística é cara, então é importante ter acesso a ela. Os municípios podem tirar proveito de outra forma. Se há na região algum pólo turístico, também pode ser fornecedor de insumos, seja alimentação, artesanato ou a própria mão de obra. Então, a região toda pode se beneficiar da indústria do turismo que esteja no município, ou num outro.



HERCULANO PASSOS: Eu entendo que o turismo é uma forma de a gente ter uma saída para essa crise que estamos passando.

Eu fui prefeito de uma estância turística e, no segundo mandato, me dediquei muito ao turismo à frente da APRECESP (Associação das Prefeituras das Cidades Estâncias do Estado de São Paulo). Fiquei três anos como presidente e um ano como vice e nós demos uma outra cara para essa entidade tão importante. São 70 municípios estâncias e agora há mais 140 municípios de interesse turístico.

Quando eu assumi a Câmara Federal, formei a Frente Parlamentar Mista em Defesa do Turismo. E faço parte da Comissão de Turismo na Câmara, onde fazemos as audiências públicas para debater assuntos relacionados ao turismo e também aos interesses do setor.

E hoje, o que está na pauta, que estamos debatendo, é uma coisa antiga, que agora está evoluindo e criando corpo. Nós já estivemos no Ministério do Turismo, de Relações Exteriores, na Embratur, enfim... a gente tem que deixar de exigir o visto de america-

nos, para que mais deles venham ao Brasil. Eu entendo que se conseguirmos esse feito vamos contribuir para que o Brasil saia da crise. É muito simples. Há quatro, cinco anos atrás, os Estados Unidos estavam numa crise profunda e abriram as portas do país. Todo mundo foi visitar a América, principalmente os brasileiros, foram especialmente à Flórida. E gastamos nos hotéis, restaurantes, lojas, e também investimos em imóveis, compramos apartamentos, casas... Isso ajudou os americanos a saírem da crise. E agora nós temos que fazer o inverso. Temos que facilitar a vinda deles para que venham gastar e investir aqui. É uma forma de a gente melhorar a economia. Em época de crise temos que ter criatividade, inovar. E essa é uma saída para o Brasil a curto prazo, rápido. Nós temos infraestrutura boa, praias, tudo. A gente sabe que a França recebe 80 milhões de turistas estrangeiros por ano e o Brasil, 6 milhões. Então, é um absurdo, temos muito mais a oferecer. E o americano não vem para cá por causa da burocracia. Muitos vão para a Argentina, para o Chile, para o México. Temos que facilitar. Com o dólar alto, mais fácil ainda os americanos virem aqui e comprem muita coisa, ajudar a gente a sair da crise, gerando empregos, renda e desenvolvimento aqui.

Agora, a pauta está nos cassinos. Eu sou favorável à abertura de cassinos aqui porque a gente gera emprego, oportunidade de trabalho, riqueza. Podemos trazer os estrangeiros para cá, para gastar aqui, e deixar que brasileiro, em vez de ir para fora, gaste aqui. É uma forma de a gente ajudar a economia.

Lá na comissão fizemos várias audiências públicas. Por exemplo, sobre o transporte em vans e micro-ônibus. Turistas, mesmo em pequenos grupos, só podem ser transportados em ônibus. É um absurdo. Fizemos uma audiência pública para falar sobre mídia positiva, porque lá fora só falam coisa ruim do Brasil. Temos que divulgar as coisas boas do nosso país. Este é um tema importante



EDUARDO SCIARRA: Eu quero dar dois testemunhos: um com a experiência na vida pública e outro também como empreendedor na área de turismo.

Eu fui secretário no Paraná na época do (*governador*) Jaime Lerner, de 1998 a 2002, e havia, quando entrei, a Secretaria de Esporte e Turismo - eu assumi a Secretaria de Desenvolvimento, Indústria e Comércio. E em um determinado momento, numa reforma administrativa, conversando com o governador, foi extinta a Secretaria de Esporte e Turismo - e o turismo veio para a nossa Secretaria de Desenvolvimento. E foi um período de desenvolvimento importante. Eu lembro que, na época do governo militar, o Delfim Netto foi ministro da Agricultura e nunca houve tanto recurso para agricultura, porque ele tinha prestígio junto ao presidente da República, apesar de não entender nada de agricultura. O que quero dizer é que é importante você ter interlocução e capacidade de alavancar recursos para aquela área que está sob sua administração. Então, Caio, você tem toda razão: não há necessidade de estrutura específica, um ministério, uma secretaria.

Não é isso que vai resolver a situação de uma área importante como o turismo.

E também quero dar um testemunho sobre uma outra situação. Eu participo de um empreendimento na área privada, faço parte do grupo que tem a concessão do Parque Nacional do Iguaçu, lá em Foz do Iguaçu. Estamos também em Fernando de Noronha e no Cristo Redentor. Este ano, com toda a crise que nós estamos vivendo, e em função, agora mais recentemente, nos últimos quatro meses, do comportamento do dólar, em Foz do Iguaçu vai ser batido o recorde do número de visitantes. Em função, evidentemente, de que o turista brasileiro está indo, fazendo o turismo nacional. E também em função do câmbio, da vinda de turistas estrangeiros. E o recorde lá em Foz do Iguaçu, que foi de 1,655 milhão de visitantes há 2 anos, vai ser batido este ano, que é um ano de muita dificuldade.

Mas se a gente comparar com outros países, há parques nacionais na Costa Rica que têm mais turismo que o Parque Nacional das Cataratas, em Foz do Iguaçu. Então, é uma realidade que, se bem aproveitada, pode criar oportunidades importantes para o país.

LUIS ALBERTO MACHADO: Vocês todos levantaram obstáculos ao turismo no Brasil - não só ao turismo, ao país como um todo. Principalmente a ausência de um projeto estratégico - as coisas, muitas vezes, sofrem por descontinuidade - e os entraves relativos à burocracia, que também não são só do turismo, mas afetam o turismo. E vocês colocaram a questão da insegurança. Quer dizer, as notícias sobre os problemas envolvendo segurança de turistas, que são fortemente divulgadas lá fora, também ajudam a dificultar a vinda de estrangeiros.

Eu gostaria de comentar duas coisas que acho fundamentais e que também têm tido descontinuidade.

Quando você esteve na SPTuris, Caio, fez um trabalho importante na área da economia criativa e das cidades criativas. E São Paulo fez um trabalho muito interessante durante as gestões de vocês, que foi aquela campanha do "fique mais um dia". E houve uma redução brutal do esvaziamento de hotéis nos fins de semana. São exemplos interessantes. São Paulo hoje é uma cidade que é criativa sem dispor de belezas naturais porque ela tem equipamentos e eventos em grande quantidade.

Mas eu vejo que também na área da economia criativa o Brasil está patinando. Vejo todo mundo desesperado: "Ih, vai desaparecer o Ministério da Cultura". Eu digo que não tem problema, não é o ministério. O MEC juntava educação, cultura e esporte e se tivesse gente forte, a coisa funcionava. Quero agregar ao exemplo que vocês deram o ministro Rubem Ludwig, que foi colocado na educação. "Mas foi militar"! Mas tinha um prestígio danado, conseguiu recursos para educação e a coisa funcionou à beça. Eu queria algum comentário seu, Caio, sobre essa questão da economia criativa, das cidades criativas.

CAIO CARVALHO: Eu fiquei muito atirado com a questão dos cassinos. Porque eu vivenciei isso profundamente na minha época, com o Itamar Franco e o Fernando Henrique. A questão dos cassinos é bem complexa. Ela não foi à frente por conta de um parágrafo da lei que ia ser aprovada, na noite em que caiu aquele avião da TAM na cabeceira de Congonhas. O Brasil inteiro só falava desse assunto e aí inseriram que era permitido cassino em qualquer lugar do país, praticamente. E a rejeição dos veículos de comunicação, da Igreja, foi muito forte. E com razão. Porque se não tomar cuidado com essa legislação, nós vamos ter não um cassino, mas uma casa de jogo em cada quarteirão do Brasil.



O cassino tem que ser para dar emprego para o músico, o aposentado, o deficiente físico, em regiões que não têm outra alternativa de desenvolvimento. Se nós tivermos no Brasil, por exemplo, mais de dez cassinos, todo mundo vai perder dinheiro. E mais: vamos estar montando uma indústria de lavagem de dinheiro. Eu não sou contra, por exemplo, fazer um cassino em Foz do Iguaçu, porque o pessoal atravessa; lá em Manaus, talvez no Pantanal, talvez no Nordeste. Essa é uma discussão complexa e eu conheço os detalhes dela. Até porque há a curiosidade dos muitos cassinos clandestinos que nós temos no Brasil, funcionando. Eu mesmo frequentei dois ou três só de curiosidade, na minha época. E curiosamente, quem menos tinha interesse na implementação dos cassinos eram esses clandestinos.

Eu vejo que esse é um assunto, deputado, que com o seu conhecimento, tendo sido prefeito de uma cidade importante como Itu, e com essa força que você

tem como líder, tem que ser muito bem trabalhado. E também a questão dos bingos e cassinos. Porque senão nós vamos cair num lugar muito perigoso e que eu acho que não é bom para o país. Principalmente no momento em que estamos. Não sou contra cassino. Acho que se o Brasil tiver quatro, cinco cassinos, vai ser maravilhoso. Agora, se tivermos 10, 20, 30, ninguém vai segurar isso. É um perigo. E mais: o trabalho pode ser todo desperdiçado porque, não tenha dúvida, os veículos de comunicação pesados, as forças maiores da sociedade, vão combater isso.

Sobre a questão de o Brasil ter poucos turistas, vou resumir em uma frase: 76% das viagens no mundo são de curta distância, até seis, sete horas de voo. O Brasil está longe dos principais polos emissores. Então, a nossa solução é um trabalho gigantesco, hercúleo, de atrair turistas da América do Sul. Nós temos 18 milhões de sul-americanos que viajam uma ou duas vezes para fora do continente

sul-americano, que vão para fora. Mas não chegamos a captar sequer 3 milhões desses sul-americanos. Então, é algo que merece uma reflexão. São os nossos vizinhos.

Eu trabalhei com o Peru depois que saí do governo. O Peru manda 1,6 milhão de viajantes para fora do país. Nós recebemos não mais do que 80, 100 mil peruanos. Acho que seria importante traçar modelos de onde você vai buscar o turista.

E por último eu quero comentar aqui algo que é fundamental, fazer justiça com o Serra e o Kassab, com o que eles fizeram por São Paulo. Quando nós pegamos, em 2004, tínhamos 25% de taxa de ocupação hoteleira no final de semana e a média de 48% a 52% no ano. Deixamos com 67%, 68% e final de semana e em torno de 50%, 52% no ano. E isso tem a ver com o que você falou. O avião só é notícia quando cai. Para divulgar que está voando em céu de brigadeiro, tem que pagar. Não adianta eu fazer reuniões com os correspondentes estrangeiros. Eles viravam para mim e falavam: "Eu tenho filha brasileira, eu adoro. Mas eu estou reproduzindo lá fora o que sai nos jornais aqui."

Então, é outra questão fundamental, temos que promover. E promover junto aos mercados corretos. Foi o prefeito de Brotas, Pedro Ragazzo, que em 1986 me procurou dizendo que em Brotas as areias cantavam. E na época não tinha TV paga, nem nada, e ele queria que eu levasse o Fantástico lá. Eu falei: "Não tenho competência para isso". Ele conseguiu. Foi lá o repórter, foi nas margens do rio. E Brotas, hoje, é a capital do turismo de aventura no Brasil. Assim como Itu hoje, berço da República, com toda a história maravilhosa, também conseguiu trabalhar muito bem essa criatividade.

Economia criativa é você ter um Paulo Borges,

que era funcionário de uma revista, nem editor era, que inventa um "São Paulo Fashion Week" e através dele cria toda uma cadeia produtiva de estilistas, modelos, designers e o diabo a quatro. E inventa um evento que traz, a cada ano, 2,5 bilhões para a cidade.

LUIS ALBERTO MACHADO: A palavra está aberta.



ROBERTO MACEDO: Eu quero voltar àquele assunto dos jogos. Sou pela legalização, mas confinado em centros de entretenimento, em particular o bingo. Se você deixar isso solto por aí, se funcionar dia e noite, vai precisar de três fiscais da Receita como cuidadores, para ficar em cima de cada bingo. Não pode. E essas maquinetas de botequim também não podem.

Uma coisa que não ouvi falar foi a questão da limpeza. Isso deveria ser uma obsessão das cidades que querem atrair turistas. Outro dia fui a Salvador e resolvi andar um pouco. Estava um negócio, uma sujeira tremenda.



NELSON DE ABREU PINTO (presidente da Confederação Nacional do Turismo): Nós temos que efetivamente acreditar que o Brasil é maior do que a crise. E estamos aqui criando um modelo para o Brasil receber mais do que os 6 milhões de turistas. Somos um país que tem uma estrutura pronta para receber pelo menos 20 milhões de turistas estrangeiros. Estou aqui falando em nome da iniciativa privada, louvando essa reunião, deixando meu aplauso e meu apoio. O turismo não vai demitir. Nós estamos assistindo a indústria, o comércio, a agricultura, todo mundo no desespero, e as demissões são uma realidade, não podemos negar. Estamos numa recessão, mas o turismo não vai entrar em recessão. Vai gerar novos postos de trabalho. Estamos aqui trabalhando como se nada estivesse acontecendo lá fora. E lá o circo está pegando fogo.

Parabéns a todos os que organizaram este encontro. Vim aqui e me coloco à disposição para estar presente em todos os encontros desta natureza, para que o PSD possa ser um modelo, para que o Brasil possa estar unido pelo turismo social e econômico.



IBRAHIM TAHTOUH (Academia Brasileira de Eventos de Turismo): Eu falo em nome da Academia Brasileira de Eventos de Turismo, que no ano que vem completa 10 anos. Nós somos hoje 36 acadêmicos lutando pela educação dentro do turismo. Porque nós acreditamos no desenvolvimento pelo turismo e pelos eventos. Mas a educação é a base. Nós estamos, hoje, embarcando os primeiros alunos para um estágio. Vão para Dusseldorf e para o Porto. Vão vivenciar como é que se faz uma feira, do chão até o retorno, até o fim. Esses universitários vão voltar com uma bagagem única. Foi uma iniciativa da academia, com recursos dela. Porque nós acreditamos nisso.

Nós estamos falando de câmbio, cassino e tal, é muito lindo, mas temos que trazer agora para cá, para a máquina continuar funcionando. Porque, quando você vai eleger uma cidade para um programa de incentivo, que é uma campanha que se faz em empresas, melhorando a produtividade, a qualidade da venda, a qualidade do atendimento, e os melhores ganham uma viagem que o dinheiro deles não compra. É uma viagem criada especialmente para aquele público com interesses naquilo que ele vai apreciar. Nós adaptamos tudo o que temos à necessidade daquele tipo de público.

Na França eles levam isso muito a sério. Não há semana que a gente não ouça uma notícia positiva da França - e eles recebem 80 milhões de passageiros. No ano 2000, discutíamos que eles queriam trocar o turista normal, que nós não temos ainda, pelo turista MICE (*Meetings, Incentivos, Congressos ou Convenções e Feiras*). Por um estudo feito lá, já naquela época, tinham uma previsão de que haveria 50 milhões de milionários chineses em 2015 - bateu nos 50 milhões em 2010. E quando eles chegassem, não podiam pegar uma fila quilométrica no Louvre, que não pode ser furada. Então, o que tinha que fazer? Diminuir essa fila. Como se diminui a fila?

Um passageiro MICE deixa para a cidade, para o país, o equivalente a 14 passageiros normais. Deixa em impostos, compras. Um passageiro de incentivo mais ainda porque ele vem com tudo pago. Tem café da manhã, almoço, jantar, passeios, atividades, tudo declarado, tudo pago direitinho, todos os impostos recolhidos. E esse homem que se preparou para poder viajar está com dinheiro no bolso. Porque ele não gastou, não investiu, levou a mulher dele junto. Então, o que faz? Vai às compras. Deixa mais dinheiro ainda no comércio. O todo é muito impactado.

Um problema: a notícia ruim de hoje evita que tenhamos um congresso, em São Paulo, em 2018, 2019, 2020. Porque hoje está se decidindo o que vai acontecer em 2021, 2022. Aí o cara olha e fala: "Xi, eu não vou pra lá, não". A única vantagem que nós tínhamos e precisamos voltar a ter é a estabilidade política. Porque o mundo todo está conturbado. Quem programa um congresso em determinado país quer que as pessoas se inscrevam, ele quer uma coisa que não vai mudar de última hora.

O incentivo é a mesma coisa. Uma empresa, quando faz uma campanha de incentivo, divulga para 1 milhão de pessoas aquele destino. Depois, 100 fazem a via-

gem, mas ele divulga para 1 milhão. Então tem 900 e tantos mil lá esperando para conhecer aquele destino. E ele não pode mudar na hora da premiação, e falar "não, vamos mudar de lugar". Porque ele ficou um ano vendendo aquele destino para motivar as pessoas.

Então, é muito sério. Temos que pensar no presente, mas projetar este futuro.



BRUNO OMORI (Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de São Paulo): O turismo agrega muito. Se pegarmos uma indústria automobilística, ela tem 800 robôs e 100 funcionários. Eu garanto que em Ilha Comprida, lá no Vale do Ribeira - e lá sim poderia ter um cassino, porque não tem nenhuma atividade econômica forte - há 80 pousadinhas que empregam muito mais gente. E esses 52 mercados ligados ao turismo geram muito mais emprego e renda do que a indústria automobilística.

Falando da hotelaria, só no ano passado, no Estado de São Paulo, geramos R\$ 7,4 bilhões em diárias, com 180 mil apartamentos e empregando mais de 120 mil pessoas diretamente. E isso atinge todos os outros setores da economia. No Brasil, ano passado, nós geramos R\$ 19 bilhões em diárias de hotéis e

mais R\$ 5,4 bilhões de reais com a venda de alimentos e bebidas dentro dos hotéis. São 480 mil apartamentos, um exército de 350 mil pessoas empregadas. O Brasil é o primeiro do ranking da Organização Mundial de Turismo há muitos anos, em relação aos recursos naturais. Mas é o 44º, 45º, em receptivo.

Como nós estamos falando do dólar a R\$ 4, é o momento em que deveríamos ter uma campanha muito forte de promoção do país lá fora. Uma campanha profissional. Se a gente não contratar agências de divulgação de notícias lá fora, a notícia não chega. Por que chega tão bem, quando vem da França? Existe, sim, um batedor de carteira na frente do Louvre. Mas eles mandam para fora 300 notícias boas da França, que chegam em todos os canais de comunicação. Então, tem uma nova exposição do Leonardo da Vinci no Louvre... Quem vai falar do batedor de carteira em vez da exposição do Leonardo da Vinci? Então, é necessário trabalhar com profissionalismo, integrando todas as cadeias produtivas.

Recentemente nós falamos com o Jornal Nacional sobre a crise. E mostramos alguns efeitos. Campos do Jordão teve um dos melhores invernos de anos recentes. Por quê? Uma turista falou: "Eu ia gastar US\$ 10 mil lá fora, que ia dar R\$ 40 mil. Gastando R\$ 10 mil no Brasil eu fico uma semana numa grande estância do Estado de São Paulo, com um atendimento 5 estrelas, tomando champagne na piscina, muito bem atendida. E minha família vai ficar muito feliz".

É hora de fazer uma campanha, não só externa, mas também interna. Ele aproveitando o Brasil e o Estado de São Paulo, com 70 estâncias - e agora vai chegar a quase 200 e poucas cidades estância. Fazer uma promoção agressiva e profissional, porque é produto turístico. Nós precisamos ter produtos para poder ser vendidos.



NATAL LEO (Sindicato Nacional dos Aposentados, Idosos da UGT): Meu nome é Natal Leo, sou presidente do Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos. Nós somos 33 milhões de aposentados no Brasil. No nosso Estado, 9 milhões que precisam de uma política voltada a eles. Nós estamos agora debatendo com o governo federal e uma das nossas metas é criar uma política nacional de lazer e turismo para o aposentado, o idoso. Somos quase 50 milhões. Só de aposentados, 33 milhões - 10 milhões no Estado de São Paulo. Então, nós merecemos uma política forte.



JULIANA VOSNIKA (Presidente do PSD Mulher no Paraná): Eu presido o Museu Oscar Niemeyer, que fica em Curitiba, e que hoje é o maior museu da América Latina. Fui secretária de Turismo de

Curitiba durante 4 anos, depois presidente da Paraná Turismo, e é muito gratificante ver aqui algumas pessoas que fazem parte do turismo do Brasil. O Museu Oscar Niemeyer vem se tornando o principal atrativo turístico de Curitiba. O crescimento do fluxo de pessoas é realmente significativo. O turismo cultural é muito forte e é um complemento ao turismo de eventos e negócios. Quero convidar todos vocês a visitar o nosso museu.



TONI SANDO (São Paulo Convention Bureau):

Em 2005, quando assumimos o Convention, São Paulo tinha 7 milhões de visitantes. Hoje tem 15 milhões. Foi muito trabalho. Acontece que há muita teoria e pouca prática. O que a gente tem aprendido na iniciativa privada, trabalhando com o setor público, é que fazendo juntos, não temos que fazer planos, temos que executar atividades.

Quantas e quantas ações nós fizemos, tanto na gestão do Caio quanto do Marcelo. Ações que reuniam grupos e agentes de viagens. Fazia "São Paulo, Meu Destino", fazia road show, andava por esse Brasil todo promovendo o destino. Então, na verdade, quando não se tem verba, não se tem verbo. Quando não se tem dinheiro, o que a gente faz? Junta as forças e trabalha. Nós já captamos eventos para 2021 na semana passada. E São Paulo não parou em nenhum momento na captação de eventos, porque nossos eventos são sempre de médio e longo prazos.

E capacitação, que é uma das coisas importantes. Com o coronel Camilo iniciamos nossos treinamentos para a Paulista Viva com os policiais militares. Hoje é um grande sucesso. Já foram treinados mais de mil policiais.

Hoje estamos treinando os jornalistas da Paulista, que se tornaram centrais de informações turísticas legítimas. Eles são os que mais conhecem a cidade, sua região. Ou seja, o que falta para nós é um pouco mais de entusiasmo, é acreditar que o nosso país é bom, que o nosso setor é bom e que a gente precisa trabalhar por ele.

Quando a gente fala de turismo para pessoas de outros setores econômicos, eles ficam pasmados pelo potencial que existe no nosso setor. É claro que se a gente ficar lendo jornal, ou acompanhando notícia, e vê que enquanto a América do Sul está abandonada um presidente da Embratur está abrindo escritório em Moscou, a gente fica muito desanimado. Porque o mundo não está do lado de lá, o mundo está do lado de cá. Talvez o mais importante seja a gente não ligar para o que eles fazem, e sim ligar para o que a gente pode fazer junto. Então, é tirar o pessimismo de lado e enfrentar a crise de uma forma positiva. O brasileiro não conhece o Brasil. Se a gente conseguir estimulá-lo a conhecer...

Sobre os aposentados, chamou a atenção que um conhecido meu que acabou de se aposentar recebeu 10 ligações de empresas oferecendo consignação. É uma máfia. Mas se a gente pensar na estratégia, e não na máfia, vejam que o mercado financeiro, do qual já fiz parte, fica de olho em oportunidades. Ele não chora, vende lenços.

Se a gente pensar no que o senhor falou e identificar quem se aposenta, na hora em que o sujeito se aposenta pode oferecer um pacote de viagem para ele, porque ele merece viajar. Talvez assim a gente mude nossa história.



VIRGÍLIO CARVALHO (Conselho Deliberativo do Fundo de Apoio ao Trabalhador):

Falamos de nós para nós mesmos. Temos que parar de falar de nós para nós mesmos. Temos que começar a falar para os outros, aqueles que não sabem e por isso não acreditam. A atividade de turismo é um setor da economia criativa e que será a única geradora de mão de obra em breve na Humanidade. E nós não queremos acabar com a nossa galinha dos ovos de ouro. Temos que preservar tudo aquilo que temos, as nossas cidades e as nossas regiões.



SEBASTIÃO MIZIARA (presidente da União de Vereadores do Estado de São Paulo): A Frente Parlamentar Mista em Defesa do Turismo no Con-

gresso Nacional e a União de Vereadores do Estado de São Paulo, com apoio da Secretaria de Turismo do Estado, tem feito um trabalho no interior sobre o projeto de lei sancionado pelo governador (*Geraldo Alckmin*) em março de 2015, que cria os municípios de interesse turístico. 575 municípios têm condições de disputar esse espaço. A Frentur abraçou essa causa e nós temos saído em seminário pelo Estado.

Eu acho que é um marco divisor da economia do Estado de São Paulo. Porque eu me lembro de um artigo publicado pelo meu querido amigo Caio Luiz de Carvalho, no jornal da Uvesp, em que ele dizia o seguinte: o turismo, para ser bom, tem que ser bom para o morador. Para disputar este espaço de município de interesse turístico, 140 vagas, imaginemos todo o Estado de São Paulo, todos os municípios querendo melhorar a vida das pessoas através de infraestrutura.

Começamos a nossa caravana pelo Estado na cidade de Itu. Tinha representantes de quase 200 municípios para debater esse tema. Fomos a Bebedouro, a Registro, vamos a Bertioga, estamos indo com o doutor Nelson de Abreu Pinto a Itapeva no dia 28, para comemorar o Dia Mundial do Turismo, inaugurar a Casa do Turismo. Nós temos confirmadas as presenças de 26 prefeitos, de vereadores e empresários para inaugurar a Casa do Turismo. Não há hoje, no Estado de São Paulo, quem não se interesse em participar deste movimento. Porque vão investir na cidade, vai melhorar a vida das pessoas. A infraestrutura é necessária, o plano municipal de turismo tem que ser feito. É São Paulo mostrando todo o seu potencial para o Brasil. O Estado está pensando no turismo como um grande gerador de empregos e renda, notadamente neste momento. Até porque a mão de obra do turismo, todos os mestres sabem, é muito mais barata do que qualquer outra.



LUIS ALBERTO MACHADO: O objetivo desses nossos encontros é debater temas de grande interesse para a sociedade de uma forma geral e, ultimamente, temos nos concentrado em temas de grande interesse municipal, já que nós teremos um ano de eleições municipais e a nossa ideia é que os prefeitos, candidatos a vereador ligados ao PSD, possam colher aqui subsídios para o seu trabalho cotidiano. Peço a cada um dos nossos expositores que faça suas considerações finais.

EDUARDO SCIARRA: Este modelo de debate do Espaço Democrático é fundamental para que a gente possa, enfim, ajudar nessa definição de políticas públicas e exercitar isso aqui com a academia, com cientistas, com pessoas que estão sempre dispostas a dar sua contribuição.

HERCULANO PASSOS: Quero dizer que foi muito produtivo. Quero lembrar duas coisas que foram votadas lá na Câmara, que prejudicaram os hotéis. Fizeram um projeto que prevê que 10% de todo hotel sejam reservados para portadores de deficiência física. Isso acaba com toda a estrutura. A demanda é menos que 2%. E como se vai fazer as reformas e construir equipamentos novos, hotéis novos, e separar 10% para deficientes? E não há necessidade. Isso prejudica muito o setor hoteleiro.

...A outra coisa é o ECAD do rádio-relógio do hotel.

Outro absurdo. Já é cobrado pelas rádios. Estão tramitando leis absurdas, por isso nós temos que cuidar e acompanhar. A gente está lá para defender o setor hoteleiro, principalmente.

MARCELO REHDER: Eu quero ressaltar a importância dessas discussões dentro do Espaço Democrático, de temas que são tão importantes, e ajudar os candidatos a prefeito, a vereador.

CAIO CARVALHO: Eu fiquei encantado com o modelo de evento do Espaço Democrático. Quero parabenizar o (Guilherme) Afif (presidente da fundação), e também o ministro Gilberto Kassab, que é um amigo querido, uma pessoa que eu admiro muito. Ele fez um grande trabalho na cidade - e aqui ninguém falou da Lei Cidade Limpa.

O deputado Herculano falou que é muito importante a eterna vigilância. E quando eu falei dos cassinos, eu enfatizo: sou favorável à regulamentação, mas precisa tomar muito cuidado com o teor dessa regulamentação. Senão não vai render nada, nem para o turismo, nem para o país. Eu tenho certeza de que com o seu talento e conhecimento você vai estar vigilante com isso.

LUIS ALBERTO MACHADO: Muito obrigado pela presença de todos e até o próximo Encontro Democrático.



Presidente - Guilherme Afif

1º Vice-presidente - Vilmar Rocha

2º Vice-presidente
Diretor de Relações Internacionais - Alfredo Cotait

Secretária - Alda Marco Antonio

Diretor Superintendente - João Francisco Aprá

Conselho Superior de Orientação

Presidente - Gilberto Kassab
Guilherme Afif
Henrique Meirelles
Omar Aziz
Raimundo Colombo
Otto Alencar
Claudio Lembo
Ricardo Patah
Vilmar Rocha
Guilherme Campos
Eduardo Sciarra

Coordenadores dos Conselhos Temáticos

Política Econômica - Henrique Meirelles
Emprego e Trabalho - Ricardo Patah
Gestão Pública e Transparência - Rubens Chammas
Pacto Federativo e Tributação - Samuel Hanan
Previdência - Reinhold Stephanes
Educação - Alexandre Schneider
Saúde - Eleuses Paiva
Infraestrutura, Transportes e Energia - Eduardo Sciarra
Desenvolvimento Urbano - Paulo Simão
Desenvolvimento Rural - Cesário Ramalho
Meio Ambiente e Sustentabilidade - Marcelo Cardinale Branco
Cultura - Danilo Miranda
Esportes - Antonio Moreno Neto
Turismo - Marcelo Rehder
Indústria, Tecnologia e Inovação - Ozires Silva
Inteligência e Mídias Digitais - Aleksandar Mandic
Justiça - Arnaldo Malheiros Filho
Segurança Pública - Túlio Kahn
Desenvolvimento e Inclusão Social - Alda Marco Antonio
Participação e Cidadania - Ivani Boscolo
Política Externa e Comércio Exterior - Embaixador José Botafogo Gonçalves
Defesa Nacional - Gen. Antônio Luiz da Costa Burgos

Conselho Consultivo

Acre - Sérgio Petecão
Alagoas - Jorge Silvio Luengo Galvão
Amapá - Eider Pena
Amazonas - Omar Aziz
Bahia - Otto Alencar
Ceará - Patrícia Pequeno G.C. Aguiar
Distrito Federal - Rogério Rosso
Espírito Santo - José Carlos Fonseca Junior
Goiás - Vilmar Rocha
Maranhão - Claudio Trinchão
Mato Grosso - Carlos Fávaro
Mato Grosso do Sul - Antônio Cesar Lacerda Alves
Minas Gerais - Diego Andrade
Pará - Helenilson Pontes
Paraíba - Rômulo Gouveia
Paraná - Eduardo Sciarra
Pernambuco - André de Paula
Piauí - Júlio Cesar
Rio de Janeiro - Índio da Costa
Rio Grande do Norte - Robinson Faria
Rio Grande do Sul - José Paulo Dornelles Cairoli
Rondônia - Moreira Mendes
Roraima - Rodrigo Jucá
Santa Catarina - Antônio Ceron
São Paulo - Alfredo Cotait Neto
Sergipe - Jeferson Andrade
Tocantins - Irajá Abreu

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2015 - Nº 13

ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br

PSD - Site Nacional: www.psd.org.br

Coordenação - Scriptum Comunicação

Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Ilustração by Freepik

Twitter Nacional: @psd_55

Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)

Facebook: [EspacoDemocraticoPSD](https://www.facebook.com/EspacoDemocraticoPSD)

Facebook Nacional: [psd.br](https://www.facebook.com/psd.br)

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS



www.espacodemocratico.org.br